

15/7/1986

Bóias-frias continuam em greve

por José Casado

de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

acrescentou a repórter Eliana Simonetti, em Brasília, ontem, que os políticos do PT na ocasião estavam armados. Ele e o secretário Muylaert criticaram a atitude do grupo de políticos petistas que foi a Leme, no fim de semana, entrevistar testemunhas sobre o seu depoimento dado à polícia 48 horas antes.

O problema central é que até ontem a polícia não havia recolhido nenhuma arma que pudesse ser exibida como prova de que os tiros partiram inicialmente do Opala da Assembléia Legislativa.

O inquérito exhibe poucas evidências, a partir do boletim de ocorrência da delegacia de Leme, como a detenção dos parlamentares do PT em um carro com chapa "fria" no meio do conflito e os depoimentos, posteriormente renegados pelos autores, em público.

Os políticos envolvidos continuam negando todas as acusações da polícia — exceto da presença no piquete em carro com chapa "fria". Mas a perícia identificou uma bala, encontrada no corpo do cortador Orlando Correia. É de calibre 38, do tipo usual na Polícia Militar. A outra bala que matou a jovem Sibely era considerada perdida.

Até que, ontem, o advogado Luís Eduardo Greenhalg, contratado pelo PT, conseguiu localizá-la, com os médicos que atenderam Sibely. Apenas cometeu um sério equívoco: guardou a prova no bolso, em vez de chamar a polícia para apreendê-la e juntá-la ao inquérito. "Agora ele vai ter de explicar as circunstâncias", diz o secretário Muylaert.

"A nós só interessa apurar os fatos", dizia ontem o secretário Muylaert à repórter Célia Roseblum (veja matéria ao lado). E, de fato, a mesma intenção das outras entidades e órgãos que acompanham o inquérito. Mas a questão principal, e por enquanto sem respostas, é que nenhum deles produziu até agora uma prova cabal sobre quem, de fato, matou a empregada Sibely e o cortador Orlando. Há suspeitas mútuas, apenas, e um indício técnico — uma bala calibre 38.

"A polícia está trabalhando como se fosse para provar que a culpa é do PT e o PT está em campo para provar que a culpa é da polícia", dizia ontem, em São Paulo, um importante político pemedebista. "Há uma eleição à frente e interesses conflitantes", acrescentava.

Pelos equívocos e falhas cometidos de ambos os lados, o inquérito sobre o conflito de Leme começou a correr o risco de naufragar sem evidências concretas, culpados reais e provas indiscutíveis para um julgamento nos tribunais. Ganhava mais o tom e a coloração de uma peça política.

(Página 7)